

Mulheres de negócios assumem dianteira da transição energética

Executivas que pensam em diversidade e sustentabilidade se destacam no setor de energia renovável

Vitória Macedo

SÃO PAULO Uma das formas de pensar em como frear os impactos da crise climática é reduzir o consumo de energias fósseis, utilizando energias renováveis. Nesse movimento, quem chama a atenção e toma a dianteira são as mulheres. Quando se fala em crise climática, as mulheres são as mais afetadas, e elas, em posição de CEOs, diretoras-executivas, gerentes, estão tomando a frente na discussão.

“As mulheres têm uma tendência a abraçar causas com as quais se importam, são mais envolvidas em promover melhorias gerais do que olhar

para números”, diz Renata Ifer, presidente-executiva da Associação Brasileira de Biogás. “É o momento de as mulheres assumirem essa liderança na transição energética”.

Conheça mulheres que estão liderando a transição.

Clarice Romariz 31

Engenheira civil de formação, Clarice Romariz, 45, responsável desde abril pelas operações e manutenção do gasoduto da TAC, empresa de transporte de gás natural, que faz parte da Engie.

Seu trabalho é com o gás, fonte não renovável, mas que tem baixa emissão comparado ao carvão e ao diesel. É a ser que ela chama de “transição da transição”.

Romariz afirma que há regiões do mundo que estão em etapas diferentes da transição energética que envolve desenvolvimento e acesso. “A gente tem que pensar ao mesmo tempo em trazer fontes renováveis menos poluentes, mas também em dar acesso à energia para populações”.

Romariz é otimista e reconhece os avanços na presença feminina na indústria energética, mas ainda há muito a ser feito. Para aumentar o número de mulheres na área, ela atua em três frentes na empresa. A primeira é por meio do projeto Mulheres no Campo, que busca identificar talentos técnicos sem experiência e contratá-los como trainees por um ano. O projeto oferece treinamento técnico, liderança e performance, para que posteriormente sejam integradas à empresa.

Outra ação é de desenvolvimento, com trabalho de mentoria e treinamento para as lideranças já existentes na empresa. A terceira é o recrutamento para cargos de liderança.

“A gente está saindo do formato tradicional da energia que existia para trazer coisas novas. Tem muitas mulheres realmente envolvidas no tema, e acho que é justamente esse olhar fresco que busca novas soluções um dos grandes benefícios da diversidade”.

Elbia Gamoun 32

Elbia Gamoun, 31, foi uma das primeiras economistas mulheres a escrever sobre a indústria de energia, no fim dos anos 1990. Ela fez mestrado na área de energia e doutorado em engenharia.

Hoje, preside a ABEELICA, Associação Brasileira de Energia Eólica, instituição sem fins lucrativos que representa a indústria de energia eólica do país. Já trabalhou na Anel, agência reguladora, e fez parte do Ministério de Minas e Energia —onde participou do comitê de crise de energia em 2021.

Em 2020, assumiu a direção da CCEE (Câmara de Comercialização de Energia Elétrica), onde permaneceu por cinco anos. Em seguida, foi conselheira da ABEELICA.

Apartir de 2020, Elbia se envolveu mais no debate sobre gênero. Ela desempenhou um papel importante tanto na discussão sobre mudanças climáticas e transição energética quanto na promoção da diversidade. Em 2019, recebeu o prêmio de liderança global em energias renováveis.

“Essa coisa de notar a questão de gênero é muito recente no Brasil”, diz Para Gamoun, isso aconteceu por volta de 2020, depois de a pauta ESG ficar em alta e ser permeada pelas empresas. “A estrada já está definida, o caminho é aquele, agora a velocidade dessa inclusão precisa aumentar”.

Os dados da Irena, Agência Internacional para as Energias Renováveis, mostram que na indústria de eólica 37% da força de trabalho são mulheres, na indústria de energias renováveis como um todo esse número é 37%. Já na indústria de energia de forma geral, incluindo petróleo, o número é 42%.

Na questão da transição energética, Gamoun afirma que o Brasil tem uma vantagem significativa, com 87% de sua matriz energética proveniente de fontes renováveis. No entanto, é necessário realizar mais ações para transformar o país em líder no processo. “O desafio atual é converter o potencial do Brasil em realidade, transformando sua vantagem comparativa em vantagem competitiva”.

Fernanda Delgado 33

Fernanda Delgado, 49, é diretora-executiva da ABHIV (Associação Brasileira da Indústria do Hidrogênio Verde). Formada em relações internacionais, ela se especializou na área de energia, especificamente geopolítica do petróleo —que envolve disputas por territórios que tinham reservas de petróleo. Com mestrado e doutorado, também é professora de pós-graduação na FGV.

Ela trabalhou na Vale Óleo & Gás e depois migrou para o ramo das energias renováveis. Delgado também foi diretora-geral na FGV Energia e no IBP (Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás), onde era responsável pela sustentabilidade e passou a trabalhar com a regulação e desdobramentos dos projetos de lei relacionados à energia eólica. É a participar de COPs também.

Para ela, o setor de energia renovável tem mais sensibilidade do que o de óleo e gás, que tem empresas muito grandes, multinacionais com grandes estruturas cujas tomadas de decisão ficam concentradas nas mãos de homens.

Paula Dalbello 34

A engenheira Paula Dalbello, 37, de Curitiba, teve contato com energias renováveis há mais de dez anos, durante um projeto de construção de uma torre de controle. Depois disso, ela trabalhou em uma empresa de energias renováveis, atuando em diversas áreas, como meio ambien-

te, recursos energéticos, regulamentação, terras e planejamento.

No meio da pandemia, Dalbello se mudou para São Paulo a fim de encontrar novos desafios. Hoje ela é gerente nacional da EDP Renováveis, empresa que se dedica ao desenvolvimento, à implantação e à operação de projetos de energia renovável no Brasil.

Ao entrar na EDP, Dalbello passou por uma transformação profissional e pessoal: ela tinha acabado de ser mãe. “Eu amamentei meu filho até quase um ano de idade aqui no escritório”, diz. “Para mim, era importante ter essa oportunidade profissional, mas também era importante amamentar meu filho”.

Ela diz que as empresas têm um papel importante em respeitar e acolher as mulheres. O setor de energia é conhecido por ser majoritariamente masculino, e Dalbello afirma que muitas vezes se via como a única mulher em uma sala de reunião ou evento. Diante desse cenário, sempre buscou se capacitar o máximo possível para ter um bom repertório e ser respeitada.

Ela acredita que há duas missões para quem está em uma posição como a dela: valorizar outras mulheres que também são boas e são capacitadas e mostrar a elas a realidade sobre a sua vida. “Ser mulher com carta de liderança, numa posição estratégica e com visibilidade, faz as pessoas terem uma referência rápida de que na sua vida tudo é perfeito, que você consegue equilibrar tudo e tudo da certeza. É a verdade não é essa”.

Renata Ifer 35

A posição de liderança sempre foi natural para Renata Ifer, 42, de quando estava na escola como representante de classe aos dias de hoje, como presidente-executiva da Abiogás, Associação Brasileira de Biogás.

Foi consultora jurídica do Ministério de Minas e Energia e participou da criação das políticas públicas que possibilitaram a recuperação do setor de gás, petróleo, energia elétrica e mineração. Ajudou a criar o Renovável (Política Nacional de Biocombustíveis), em 2016. De 2012 a 2020, atuou como secretária e secretária-adjunta de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia.

O que sempre a fascinou na área foi a ideia de pegar algo que é um problema hoje, o lixo, e transformar em energia. Em 2023, diante da vontade de ver mais mulheres ao seu lado, Ifer ajudou a criar o programa Sin, Elas Existem. “A questão da diversidade era muito tabu na época”, diz.

Ela conta que, ao iniciar a carreira, por estar numa posição privilegiada, não percebia o “visão inconsciente e o racismo estrutural” na área. Achava que chegar a um alto cargo era questão de esforço.

Nas equipes que monta, sempre faz questão de que ele seja composto por metade mulheres. “Não é uma guerra dos sexos, é uma soma de forças, você tem pessoas diferentes traz melhores resultados”.

Em relação às dificuldades que o Brasil enfrenta na transição energética, Ifer diz que falta mostrar protagonismo. Segundo ela, quem começou a falar sobre o assunto foram países da Europa, mas todo o potencial para descarbonizar o planeta vem dos emergentes.

Para ela, a grande lição que o Brasil tem para o mundo é a bioenergia, que não é considerada tão verde como a solar e eólica, mas, olhando toda a produção, do descarte da bateria até a coleta de lixo e aterros, o saldo é positivo.

“Os efeitos das mudanças climáticas são gritantes hoje, a gente tem que cuidar, hoje se tornou ainda mais claro que essa transição energética tem que considerar a redução das transmissões de carbono”.

Paula Dalbello 36

A engenheira Paula Dalbello, 37, de Curitiba, teve contato com energias renováveis há mais de dez anos, durante um projeto de construção de uma torre de controle. Depois disso, ela trabalhou em uma empresa de energias renováveis, atuando em diversas áreas, como meio ambien-

te, recursos energéticos, regulamentação, terras e planejamento.

No meio da pandemia, Dalbello se mudou para São Paulo a fim de encontrar novos desafios. Hoje ela é gerente nacional da EDP Renováveis, empresa que se dedica ao desenvolvimento, à implantação e à operação de projetos de energia renovável no Brasil.

Ao entrar na EDP, Dalbello passou por uma transformação profissional e pessoal: ela tinha acabado de ser mãe. “Eu amamentei meu filho até quase um ano de idade aqui no escritório”, diz. “Para mim, era importante ter essa oportunidade profissional, mas também era importante amamentar meu filho”.

Ela diz que as empresas têm um papel importante em respeitar e acolher as mulheres. O setor de energia é conhecido por ser majoritariamente masculino, e Dalbello afirma que muitas vezes se via como a única mulher em uma sala de reunião ou evento. Diante desse cenário, sempre buscou se capacitar o máximo possível para ter um bom repertório e ser respeitada.

Ela acredita que há duas missões para quem está em uma posição como a dela: valorizar outras mulheres que também são boas e são capacitadas e mostrar a elas a realidade sobre a sua vida. “Ser mulher com carta de liderança, numa posição estratégica e com visibilidade, faz as pessoas terem uma referência rápida de que na sua vida tudo é perfeito, que você consegue equilibrar tudo e tudo da certeza. É a verdade não é essa”.

Renata Ifer 37

A posição de liderança sempre foi natural para Renata Ifer, 42, de quando estava na escola como representante de classe aos dias de hoje, como presidente-executiva da Abiogás, Associação Brasileira de Biogás.

Foi consultora jurídica do Ministério de Minas e Energia e participou da criação das políticas públicas que possibilitaram a recuperação do setor de gás, petróleo, energia elétrica e mineração. Ajudou a criar o Renovável (Política Nacional de Biocombustíveis), em 2016. De 2012 a 2020, atuou como secretária e secretária-adjunta de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia.

O que sempre a fascinou na área foi a ideia de pegar algo que é um problema hoje, o lixo, e transformar em energia. Em 2023, diante da vontade de ver mais mulheres ao seu lado, Ifer ajudou a criar o programa Sin, Elas Existem. “A questão da diversidade era muito tabu na época”, diz.

Ela conta que, ao iniciar a carreira, por estar numa posição privilegiada, não percebia o “visão inconsciente e o racismo estrutural” na área. Achava que chegar a um alto cargo era questão de esforço.

Nas equipes que monta, sempre faz questão de que ele seja composto por metade mulheres. “Não é uma guerra dos sexos, é uma soma de forças, você tem pessoas diferentes traz melhores resultados”.

Em relação às dificuldades que o Brasil enfrenta na transição energética, Ifer diz que falta mostrar protagonismo. Segundo ela, quem começou a falar sobre o assunto foram países da Europa, mas todo o potencial para descarbonizar o planeta vem dos emergentes.

Para ela, a grande lição que o Brasil tem para o mundo é a bioenergia, que não é considerada tão verde como a solar e eólica, mas, olhando toda a produção, do descarte da bateria até a coleta de lixo e aterros, o saldo é positivo.

“Os efeitos das mudanças climáticas são gritantes hoje, a gente tem que cuidar, hoje se tornou ainda mais claro que essa transição energética tem que considerar a redução das transmissões de carbono”.



Tem muitas mulheres realmente envolvidas no tema, e acho que é justamente esse olhar fresco que busca novas soluções um dos grandes benefícios da diversidade

Clarice Romariz TAG

O desafio atual é converter o potencial do Brasil em realidade, transformando sua vantagem comparativa em vantagem competitiva

Elbia Gamoun presidente da ABEELICA

Percebo uma indústria mais homogênea e um espaço maior para crescer e trabalhar pela geografia da indústria renovável

Fernanda Delgado diretora-executiva da ABHIV

Ser mulher com carta de liderança faz as pessoas terem uma referência errada de que na sua vida tudo é perfeito, que você consegue equilibrar tudo. É a verdade não é essa

Paula Dalbello EDP Renováveis

Os efeitos das mudanças climáticas são gritantes, hoje se tornou mais claro que a transição energética tem que considerar a redução das transmissões de carbono

Renata Ifer Abiogás

Como parte da iniciativa Todas, a Folha apresenta mulheres com dois meses de assessoria digital gráfica